



CULTURA E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA ORIENTAL: PRÁTICAS CORPORAIS NA COMUNIDADE *PARKATÊJÊ*

CULTURE AND EDUCATION IN EASTERN AMAZON: BODY PRACTICES IN *PARKATÊJÊ* COMMUNITY

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317813022017008>

Mauricio Martins Cabral, Alexandre Silva dos Santos Filho - UNIFESSPA

RESUMO

É um estudo sobre as práticas corporais na comunidade Parkatêjê, localizada na Amazônia Oriental, no sudeste paraense. Tem como objetivo refletir sobre a educação escolar indígena e atividades corporais desenvolvidas no contexto cultural indígena desta comunidade. Para tanto, usa-se a abordagem metodológica qualitativa, com enfoque na observação participante, caracterizada pelo estudo Etnográfico; traz ainda, abordagem das narrativas orais através dos relatos dos mais velhos da comunidade Parkatêjê. É uma pesquisa de mestrado em andamento que tem um primeiro momento, o estudo de treze práticas corporais, sendo estas organizadas a partir das atividades educacionais desenvolvidas com os alunos da Escola Indígena Estadual de Educação Infantil, Fundamental e Médio "Peptykre Parkatêjê". A pesquisa tem levantado dados importantíssimos acerca dessas práticas – entendendo que elas levam consigo sentidos e significados muito importantes para a revitalização cultural dessa comunidade. As práticas corporais da comunidade em questão trazem consigo um poder de endoculturação muito significativo para o processo educacional tradicional indígena dessa comunidade, levando em consideração os saberes que se encontram intrínsecos em cada uma dessas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar indígena. Comunidade *Parkatêjê*. Cultura indígena. Práticas Corporais.

ABSTRACT

This is a study on corporal practices in *Parkatêjê* community located in the eastern Amazon, in southeastern Pará. It aims to reflect on indigenous education and physical activities in indigenous cultural context of this community. Therefore, it uses qualitative methodology focusing on participant observation, characterized by Ethnographic study; still brings approach to oral narratives through the reports of oldest *Parkatêjê* community. It is a master's research in progress that has a first time the study of thirteen body practices, which are arranged from the educational activities at the State Indigenous School Kindergarten, elementary and secondary "*Peptykre Parkatêjê*" with indigenous students. The research has raised very important data about these practices - understanding that they carry with them directions and important meanings to the cultural revitalization of this community. Community bodily practices in question carries a power of very significant endoculturação for traditional indigenous educational process of the community, taking into account the knowledge that are inherent in each of these practices.

KEYWORDS: Education Indian School. Community Parkatêjê. Indian culture. Body practices.



1 INTRODUÇÃO

Educação e cultura na Amazônia Oriental trazem uma questão proveniente das práticas corporais na comunidade indígena Parkatêjê. Discute-se o problema a partir da educação escolar, envolvendo a reflexão sobre educação corporal adotada na Escola Indígena Estadual de Educação Infantil, Fundamental e Médio “Peptykre Parkatêjê”. Este texto objetiva repensar alguns aspectos referentes à corporeidade indígena, com base em treze práticas corporais que vêm sendo desenvolvidas na educação escolar da referida escola.

Tais práticas corporais apresentam-se como oportunidade de vivência pedagógica em relação à comunidade, implicando valorização dos saberes tradicionais indígenas. Essas práticas vividas na escola proporcionam aprendizagens acerca dos saberes intrínsecos materializados como: os meios de sobrevivência; a convivência familiar e social; conhecimento da língua; crenças e rituais. Tanto é que, esses saberes estão implícitos na linguagem corporal expressa a partir das manifestações significadas no corpo para o indígena.

Acima de tudo, é importante rever alguns aspectos referentes à educação indígena no Brasil. Uma vez que, é recente a sua incorporação na estrutura educacional brasileira, e foi alvo das últimas mudanças ocorridas na LDB/1996 e anos subsequentes, sinalizando assim, novos modos de perceber uma educação não formulada para a população em geral, mas sim, para os nativos, incluindo conteúdos nos parâmetros para o ensino em formato de escolas indígenas. Aliás, ressalta-se que sempre houve educação indígena, significada nos moldes da cultura tradicional escolar dos grupos indígenas, porém não reconhecida como educação, pelo fato de não ser sistematizada como escolar.

Historicamente, os colonialistas eruditos impuseram durante séculos uma educação europeizada aos indígenas brasileiros, determinando uma educação voltada para a submissão, por meio dos valores religiosos e aspectos considerados do mundo civilizado, negando ao povo da floresta seus interesses e valorização dos saberes tradicionais desta cultura.

Por conseguinte, compreende-se que os sentidos dados à escola indígena “Peptykre Parkatêjê”, com base na construção das atividades corporais, é uma aproximação contributiva ao contexto educacional, e que irá fundamentar os modos de experimentar as práticas



corporais no âmbito da escola formal. Evidencia-se, dessa maneira, que as práticas educativas na educação física e nos momentos festivos/comemorativos são fortes indícios de que a escola indígena é um complemento educativo da educação tradicional na aldeia.

Neste estudo, traz-se para o cenário educativo, a discussão das práticas corporais, as quais têm como importância aparecerem como pilares da formação do índio, uma vez que, ela carrega no seu processo de desenvolvimento a vivência de uma grande quantidade de saberes intrínsecos, que podem ser debatidos dentro da escola, de forma a contribuir com a construção de uma cultura viva.

Esta pesquisa centra-se na interrelação entre educação, cultura e corpo, vislumbrando, a partir da teoria de Merleau-Ponty (1999) sobre percepção corporal, a compreensão do sentido dado ao corpo em uma sociedade e estendendo este conhecimento a abordagem das práticas corporais, com base no entendimento dos indígenas do grupo Parkatêjê. Aliás, busca-se conhecer a importância desses sentidos dentro do campo educacional, bem como as influências culturais sobre as práticas corporais que representam diversas manifestações do corpo. Nessa perspectiva, a teoria da percepção corporal em Merleau-Ponty (1999) traz uma contribuição significativa ao conceder à nossa reflexão, a ideia de percepção corporal, com a qual desdobramo-la para a inserção da percepção corporal indígena para além da estrutura orgânica – uma complexa situação distintiva referente ao sentir, perceber, pensar e agir dos indivíduos indígenas, revelando a intencionalidade de suas ações, o que caracteriza o homem como um ser repleto de subjetividade.

Portanto, entende-se que as práticas corporais indígenas Parkatêje fazem parte de uma corporeidade humana, pertencente às experiências humanas, constituídas nas relações corporais, no sentido amplo e específico de um povo que tem a floresta como referencial de vida, religiosidade, beleza, sobrevivência e lar.

2 A COMUNIDADE *PARKATÊJÊ*: DESAFIO E RESISTENCIA

Como comunidade indígena Parkatêjê, ela reside na região desde o início da década de 1970. Não é diferente de outros grupos brasileiros, vem insistentemente se afirmando, alavancada pela necessidade de manterem vivos seus saberes culturais, de forma a tê-los mais



próximos de suas realidades e mais condizentes com as demandas de seu povo (FERRAZ, 1982).

Localizada na Terra Indígena Mãe Maria, BR-222, Km 30 - faz parte, atualmente, do município de Bom Jesus do Tocantins – PA, entre limites dos igarapés Flecheiras e Jacundá - afluentes do rio Tocantins. A reserva abrange uma área de extensão que corresponde a 62.488 hectares. Possui uma população estimada de 760 índios , divididos em três Aldeias: Kupejipôkti, Rôhokatêjê e Krijoherekatêjê, cuja família linguística é jê – genericamente. Conhecidos como Gavião, os Parkatêjê falam um dialeto da língua Timbira. Segundo Nimuendajú (1982), os Parkatêjê (Par é pé, jusante; Katê é dono; e Jê é povo), se autodenominaram assim, pela posição que ocupavam na bacia do rio Tocantins (região localizada entre as margens do rio e a montanha-região de Tucuruí).

Os viajantes do séc. XIX evidenciam a presença dos “gaviões” (Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrâtikatêjê) na margem direita do curso médio do rio Tocantins. São conhecidos na literatura como Gaviões do Oeste ou Gaviões do “Mãe Maria”, até que, em meados da década de 1970, dentro do Projeto de Auto-gestão de Povos Indígenas assumem o nome de Comunidade Indígena Parkatêjê, nome da turma do Chefe Krôhokrenhũm (ARAÚJO, 2008).

A designação Gavião surge de o fato desses índios utilizarem em suas flechas penas da ave gavião. Hâk (gavião), também é utilizado pelos Parkatêjê como nome dado a um dos cinco grupos que se dividem em seus cerimoniais: Hâk (gavião), Tere (lontra), Xêxêrê (arraia), Tep (peixe) e Pân (arara). Outra marca do Gavião Parkatêjê é o “furo no beijo”, que tem sido regularmente praticada na iniciação dos mekwatuwa (jovens do sexo masculino), neste furo, é usado o akà (pino labial), uma espécie de farpa que mantém o furo no lábio inferior, não o deixando cicatrizar. Conforme palavras de Krôhokrenhũm, esses cerimoniais são a “carteira de identidade” dos homens dessa comunidade indígena (ARAÚJO, 2008).

Segundo Araújo (2008), o nome significativo da aldeia sede dos Parkatejês é Kupejipôkti, que significa “no meio do branco”. É propício pensar sobre esta correlação, posto que demonstra a sobrevivência do grupo, que só se sucede devido a ele ter se hibridizado à cultura da sociedade envolvente, pois caso contrário, já teriam desaparecidos. A escola, nesse sentido, passou a ser uma componente mediadora dessa continuidade cultural na esfera indígena. Mediante a esta concepção, é indispensável observar que em 1980, com a



implantação da primeira escola dentro da reserva dirigida pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio, se iniciou propriamente com a educação não indígena, com o ensino de 1ª a 4ª séries.

Esta escola aumentou e intensificou suas relações com a sociedade não índia, ocorrendo a difusão da língua portuguesa, inclusive entre as crianças e adolescentes, tornando a comunidade bilíngue. A partir dessa especificidade, é que nasce, no decorrer do processo educacional Parkatêje, a necessidade de compreender a educação indígena em dois momentos distintos: a educação indígena e a educação escolar indígena. A primeira, representa a educação da comunidade na perspectiva cultural de responsabilidade dos Meprekrê (os “velhos”) da comunidade, enquanto a segunda, é de responsabilidade da escola institucionalizada, responsável em desenvolver o conhecimento da sociedade não índia. O grande desafio então das escolas indígenas é construir uma educação escolar que contemple a educação indígena e a educação escolar indígena.

3 OUVINDO OS “VELHOS”, MOVENDO OS JOVENS

O enfoque da pesquisa baseia-se na observação participante etnográfica. Nessa perspectiva, organizaram-se os dados coletados in loco a partir das brincadeiras corporais envolvendo adultos, jovens e crianças. Optou-se pelas narrativas orais, obtidas através dos relatos dos “Meprekrê” da comunidade – chamados respeitosamente “os velhos” do povo Parkatêje –, os quais, são considerados os sábios dessa cultura.

Os alunos da escola indígena tiveram um papel central nessa construção, pois através das aulas ajudaram também na coleta dos dados. Esta abrangência enriqueceu o trabalho, já que foi uma forma de envolver a juventude indígena na percepção cultural de sua própria comunidade. Desta feita, iniciou-se a observação das práticas corporais ocorridas nos momentos festivos da comunidade. A partir disso, proporcionou-se conhecer os elementos culturais que compõem as práticas culturais e corporais, a fim de compreendê-las.

Advieram momentos centrais, os quais possibilitaram observar distintas práticas corporais. Em vista que, elas não ocorrem cotidianamente, só aparecem ciclicamente no âmbito da cultura desse povo, ou seja, conforme as colheitas, os rituais de passagens, as



mudanças de estações do ano, as comemorações diversas, morte, manifestações políticas, nascimento, caça e pesca. Tudo isso, vivenciados pela comunidade indígena, e tendo como suporte das ações as pinturas, brincadeiras, jogos, lutas e danças. Esse conjunto de atividades corporais faz parte integral do todo às práticas corporais tradicionais que compreendem, desde muito tempo, a educação indígena deste povo.

Houve um grande cuidado na hora de ouvir os relatos orais das práticas corporais realizados com os velhos da comunidade, pois os mesmos utilizaram grande parte de sua fala na língua materna, sobretudo, porque queríamos ter clareza sobre a exposição de cada prática corporal pesquisada: brincadeiras, jogos, danças, cantos, pinturas corporais, etc. As entrevistas foram gravadas e transcritas para melhor serem analisadas as informações que produziram sentidos e significados a cada prática corporal narrada. E, posteriormente, estas falas foram transcritas e lidas diante dos entrevistados e legitimadas por eles (os velhos), a partir da nossa apresentação oral.

Envolvemos também os alunos da escola dessa comunidade, de forma a reafirmar que a escola pode ser participante da construção cultural dos saberes que estão intrínsecos dentro das práticas culturais. Enquanto discente da escola (prof. Maurício) da comunidade encaminhei os alunos às investigações sobre as brincadeiras, uma vez que, não podíamos penetrar em ambientes restritos aos nativos da comunidade. Daí, a exploração dos espaços particulares da comunidade. Foram tarefas dos jovens da escola e, desse modo, obtiveram-se informações que não seriam possíveis para um não índio.

Com o envolvimento dos alunos, conseguiram-se outros relatos, bem como a realização de desenhos de algumas brincadeiras, e isso compôs uma narrativa visual, com a qual iremos analisar as práticas corporais apresentadas neste trabalho. Assim, mostra-se o potencial pedagógico que existe na educação escolar indígena em confluência com a educação tradicional indígena; onde as práticas corporais são um caminho para o aprendizado dos saberes culturais próprios da comunidade Parkatêjê.



4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO INDÍGENA PARKATÊJÊ

É perceptível dentro da comunidade Parkatêjê, que as práticas corporais são importantes para a cultura desse povo, pois é na hora dessas manifestações culturais (como práticas) que surgem aprendizados relacionados à língua, às memórias, à pintura, ao canto, à dança, corrida de tora, corrida de varinha, jogos de flechas, brincadeira do puxa-puxa, ou de mata-mata etc., que foram construídas ao longo dos tempos por essa comunidade, de forma a se manterem vivos na natureza.

Nesse caráter, atribui-se o sentido de educação à concepção de Brandão (2007) como parte da cultura, e não maior que a cultura. Assim, a educação passa a ser admitida como uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e a recriam entre tantas outras invenções na cultura ou em sociedade. Sendo, portanto, a educação, uma peça fundamental para que a cultura se mantenha viva e presente dentro de determinada sociedade de um povo. Por outro lado, é através da educação – formal, informal e não formal – que um povo mantém ou deixa de manter seus saberes culturais.

Compreende-se ainda que, todos os saberes existentes e, tomando como referência a comunidade Parkatêjê, surgem da necessidade de sobrevivência dos seres humanos. Daí, pode-se dar como exemplo, os modos de existências dos Parkatêjês: a corrida de tora para este povo sempre foi uma forma de treinar o corpo indígena, a fim de suportar grandes esforços corporais, como carregar a caça da floresta até a aldeia; a brincadeira de subir no pau é um modo de habilitar do índio durante a caçada, a enfrentar animais selvagens, protegendo-se ao subir em árvores altas; e assim por diante. Como se pode notar, essas tradições os mantiveram vivos, ou seja, o exercício da prática corporal faz parte incondicional da educação e vida social indígena. Diga-se de passagem – eles tiveram a necessidade de construir através do trabalho todas as práticas sociais que os definem até hoje como povo Parkatêjê.

Segundo Luciano (2006), os indígenas sabem que precisam, mais do que uma educação meramente ocidental, de uma educação que promova a valorização de suas culturas tradicionais. Então, a educação escolar indígena poderá assim, sistematizar os conhecimentos tradicionais da cultura corporal, agregando valores dos conhecimentos do domínio da cultura corporal ocidental ou vice-versa, servindo para divulgar os aspectos corporais das culturas



indígenas para a sociedade brasileira, como também, estimular a troca de conhecimentos e técnicas dos povos indígenas entre si.

Na realidade, as práticas corporais, de modo geral, identificam-se como uma poderosa linguagem do mundo contemporâneo. Por intermédio delas, comunicam-se mulheres e homens, crianças, velhos e adultos, ricos e pobres; diferentes grupos étnicos e países tão distantes um do outro. Destaca-se para essa conjuntura na comunidade Parkatêjê, o “acampamento”, (têkxà) como o lugar – a configuração existente das coisas: produção de artesanato, prática de arco e flecha e sua construção; realização de brincadeiras, onde se cozinha e come o berarubu (alimento típico), onde todos os “velhos” se encontram, onde também são ministradas as aulas de línguas, etc. –, é nele que se vivencia o espaço cultural (dar-se significado aos acontecimentos do lugar), cuja linguagem corporal e comunicacional são práticas centrais da vida social dos Parkatêjê.

A escola é um outro lugar, posto que ela participa ativamente de todas as programações culturais da aldeia, como nas festas e brincadeiras tradicionais. Além de ser um espaço que mantém um calendário próprio das atividades e competições, envolvendo toda a comunidade em suas datas comemorativas não indígenas, como: a semana do índio, dia das mães, dia dos pais, dia da criança, páscoa, etc.; e ao mesmo tempo organiza as datas comemorativas tradicionais, tais como: a festa do milho verde, arara e gavião, do macaco, da onça, da kwyi, do pemp, etc. É assim que o espaço escolar contribui com a ideia de uma educação formal diversificada, abrangendo a educação indígena.

Mediante essa interrelação entre a educação formal e não formal que os professores participam ativamente de todas as atividades culturais, incentivando as crianças a valorizarem sua própria cultura e língua. É assim que o professor realiza as atividades educacionais junto aos alunos, mesclando estes dois momentos: o conhecimento tradicional como também o convencional.

Além do mais, não é apenas estimular os alunos à valorização e a "prática" das atividades tradicionais. É preciso estabelecer junto com os alunos, quais os sentidos e significados culturais do jogo, da dança, da luta, da brincadeira, da corrida de tora e, principalmente, refletir sobre os motivos pelos quais essas práticas são importantes para o fortalecimento da identidade de seu povo. Desse modo, a escola contribui para superar o



"vazio" da transmissão de conhecimentos e valores corporais entre as antigas e as novas gerações.

Dir-se-á então que, a comunidade Parakatêjê é marcada por uma diversidade cultural muito grande, que os identificam como etnia Parakatêjê. Tendo como representação simbólica, a pintura, que caracteriza cinco grupos diferentes. Por conseguinte, traz traços específicos que os identificam e os diferenciam, pois são elaboradas a partir da tinta vermelha e preta, respectivamente do urucum e do jenipapo.

As festas são tradições importantes e rotineiras, desenvolvidas a partir de diversas brincadeiras, que vão do inverno ao verão. A pintura corporal realiza a abertura de todos os eventos, juntamente com o canto, a dança, a corrida de tora e o jogo de flechas, que expressam diversidades de técnica e força desse povo. As caçadas podem durar dias, sendo a base da alimentação, seja assada ou moqueada é sempre presente nos rituais festivos.

Para o desenvolvimento das práticas corporais da comunidade Parkatêjê é compreensível a presença de uma matemática intuitiva, no que se refere à marcação temporal, quantidades de objetos, pessoas, dias, etc., uma matemática marcada por uma particularidade, onde sua representação numérica é estabelecida por apenas seis algarismos (0 a 05).

Não há possibilidades de se desenvolver as práticas corporais sem a memória histórica que essas práticas precisam para acontecer. O espaço é importante para que ocorram essas práticas, não há práticas corporais sem entender a lógica espacial, para tanto, são necessários os conhecimentos de uma geografia intuitiva. As práticas corporais funcionam dentro de uma lógica natural, é necessário o contato direto com a natureza, árvores, animais, rios e etc., a ciência se responsabiliza em explicar tais elementos naturais.

Ressalta-se, por fim a arte que explica todo o processo que vai da pintura, o artesanato, o canto, a dança etc. Nessa conexão está a língua, a qual estabelece a organização e o desfecho do desenvolvimento dessas práticas corporais. Em suma, percebe-se então que existe um conjunto de conhecimento cultural tradicional com as quais as práticas corporais se permitem, já que é dessa forma que transite intrinsecamente o seu desenvolvimento. Além de que se apresentam todos os conhecimentos tradicionais culturais da comunidade que essas práticas possuem.



5 PRÁTICAS CORPORAIS PARKATÊJÊ: PROPOSTAS DE UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR

As atividades corporais apresentadas aqui, tem como objetivo promover a análise da corporeidade indígena – como sendo a consciência do corpo em si e em que medida o âmbito da educação escolar influi na comunidade corporal dos Parakatêjê. Destacam-se para isso algumas práticas corporais observadas durante um período de tempo muito extenso (mais ou menos 5 anos) no intuito de repensá-las dentro da educação escolar Parakatêjê. Além de que, pensar o corpo indígena participante de um conjunto de atividades em sua sociedade é concebe-lo integrante inseparável da socialização inerente do outro, da interação, da educação, do bem-estar, valores, direitos, deveres, regras, normas, resistência física, sobrevivência, namoro, casamento, passagem da fase de criança para a adulta e outros. Essas designações corporais trazem no conjunto da corporeidade significados que ajudam na educação tradicional dos índios na aldeia.

Permitir-se-á então dizer que o corpo é o modo próprio de o índio ser-no-mundo, e é através do corpo que ele (índio) abre as possibilidades para existir no mundo, considerando situações dadas concernentes à sua realidade concreta e imaginária. Como diria Merleau-Ponty (1999) o corpo será o meio de o indivíduo ter um mundo pra si em si próprio. Partindo dessa premissa é que se pode pensar o homem/índio inserido corporalmente no mundo que o cerca, envolto às suas relações sociais, com o compromisso de ser e estar com o outro, com a sua cultura e natureza, mediado sobretudo pelo corpo atuante e fazedor das coisas na floresta.

O corpo a que este estudo se debruça, como proposta analítica, não é objeto das ações de um corpo pertencente a um sujeito (como se um corpo separado do ser índio pudesse vestir o índio), cuja concepção não mais representa a morada de um sujeito. Porém, o que se quer mostrar aqui é um corpo que se remete ao ser como sendo o próprio corpo do ser, inseparável do ser em si – na concepção pontyana dir-se-ia: sou meu próprio corpo. Mediante a este princípio pode-se repensar a corporeidade a que se toma nessa reflexão no âmbito dos indígenas, para dizer, por meio desse pensamento, que o que está posto é o corpo-vivido, a motricidade do corpo como expressão e o corpo como suporte da arte do fazer arte com ele.

E por isso, pode-se dizer claramente, na perspectiva fenomenológica que o corpo indígena tem consciência do mundo dele vivido e é por meio do seu corpo indígena próprio



que a existência de si torna-se a percepção da sua própria história. É assim que o professor indígena Jathiati concebe as brincadeiras corporais vividas como um importante ensejo do corpo. Ele afirma que nas práticas corporais estão presentes as memórias, na pintura, no canto, na dança:

- tudo acontece na hora das brincadeiras. Na época nosso povo Parkatêjê brincava muito. Antigamente o nosso povo Parkatêjê sempre teve os seus próprios esportes, as suas tradições indígenas que nem corrida de tora, flechas, danças, pinturas, brincadeira do puxa-puxa, ou de matar, corrida de varinha que se chama de akô. Todas as brincadeiras sempre incluem os homens e as mulheres (entrevista com JATHIATI, 2013).

Acredita-se que as práticas corporais tradicionais na comunidade colaboram para com o aprendizado dos saberes culturais e das tradições. Uma vez que é o momento primordial de que o corpo indígena poder orquestrar o seu poder nessa corporeidade: momento em que ocorrem os valores, costumes, normas sociais e comportamentos, assimilados por meio dos corpos próprio dos índios. Além do mais, para os Parkatêjê as práticas corporais sempre foram importantes para suas vidas, já que segundo os velhos da comunidade não há cultura sem brincadeira – remetendo as brincadeiras às práticas corporais.

As práticas corporais aqui estão representadas através dos diversos rituais festivos da comunidade. São elas: dança, brincadeira do mamão, peteca, mata-mata, corrida de tora, brincadeira da arara e gavião, pula-pula, matoi - matoi, brincadeira da força, brincadeira do trisca- my pemptot, corrida da varinha e a brincadeira do puxa.

A consciência indígena aparece como ato reflexivo à medida que se exige do índio a percepção do corpo próprio no ato e nas ações das brincadeiras na aldeia. Isso demonstra que há uma necessidade de instalar uma consciência corporal indígena a partir da existência inseparável das ações do corpo que brinca com o corpo mesmo percebido como brinquedo. É um ato que implica consciência corporal em uma instancia irremovível da vida que o separa das etapas de fazer-se corpo de si, ser ele mesmo a consciência do seu corpo.



Na Dança - Kre

Representa a dança dos Parkatêjê, sempre presente em todos os momentos festivos da comunidade e da escola, não existem festas ou comemorações sem que o corpo não dance. A dança do corpo indígena feminino realizam composições corporais em movimentos singelos e cadenciados, é o corpo da mulher indígena em ação – sua consciência corporal, elas ficam atrás do cantor (seu marido ou parentes), sempre com os pés pareados em movimentos para frente e para trás e as mãos pareadas inclinadas na horizontal e com a cabeça baixa em direção a seus pés. Conforme a ilustração na figura 01:



Figura 01 – Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: a dança *Parkatêjê* - 2013.

Os homens também dançam, realizam movimentos para a frente, para trás e para os lados, levantando os pés e depois as mãos. Nessa concepção corporal a dança faz-se no corpo indígena dos homens e das mulheres, são ao mesmo tempo uma percepção só, em uma existência separada, mas dependente de um cantar, no ritmo do cantor e do maracá. É um mundo humano, cujo efeito se constrói à medida que pátria do pensamento se torna uma: “o sujeito deixa se ser um sujeito pensante “acósmico”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.50). Ele indígena põe seu corpo enraizado no mundo do seu mundo em um espaço-tempo apropriado e somente seu, determinado pela consciência de si mesmo, perdendo sua dimensão corpórea,



assumindo uma subjetividade inerente ao ato dançante através da qual o corpo ata-se ao mundo.

Todas as atividades festivas realizadas na comunidade Parakatêjê envolvem práticas corporais e todas estas atividades iniciam ou culminam com a dança. A dança é uma forma de expressar a tamanha felicidade e respeito pela comemoração que eles irão desenvolver no momento.

Nesta comunidade não temos uma dança que segue normas e parâmetros nacionais e internacionais e sim uma dança que retrata movimentos seculares de um povo que traz em sua dança, simples movimentos que demonstra respeito e felicidade com suas festividades. A dança Parkatêjê diz e reafirma quem são os Parkatêjês, diferenciando-os com sua forma ímpar de dançar das demais etnias indígenas do Brasil e do mundo.

Brincadeira do Mamão – Kõnhák Parti Nakjê. Como ilustra a figura 02 abaixo.



Figura 02 – Fonte: arquivo da escola Parkatêjê: brincadeira do mamão - 2013.

Esta figura mostra a brincadeira do mamão que é uma atividade que acontece, preferivelmente, entre pessoas que se gostam ou se gostaram no passado. Cria-se um círculo onde meninos e meninas, jovens, homens e mulheres, “velhos” e “velhas”, todos irão interagir.



É escolhido uma pessoa para ir ao centro do círculo com um mamão nas mãos, esta pessoa escolhe alguém do círculo, intencionalmente, uma que ela tenha pretensões de namorar e joga o mamão sobre esta pessoa. A pessoa que recebeu o mamão devolve o mamão e vem para o centro tentar tomar o mamão.

Se a pessoa não conseguir tomar o mamão os parentes entram para ajudar (irmãs, irmãos, tios, tias, pai, mãe, avós e etc.). Esta atividade geralmente acontece à noite, hoje, no entanto, acontece durante o dia e o namoro já não é o grande foco, mas sim o entretenimento. O que está claro nessa brincadeira corporal é o modo como os corpos se destacam como objeto do sujeito/índio(a) na atividade com o corpo – pensar, refletir, tomar consciência da ação nas pretensões do outro –, implica o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, na experiência do corpo relativo a realidade do ato a fazer-se mensagem aos corpos que jogam ou brincam.

Peteca- Haprykrã Iapi.

A figura 3 abaixo identifica a brincadeira da peteca que acontece na época da colheita do milho verde. É uma brincadeira destacada pelos velhos da comunidade, pois são eles quem participam tanto na construção das petecas, como na brincadeira.



Figura 03 – Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: brincadeira da peteca - 2013.



A peteca é construída apenas da folha do milho verde (hapry) retirado da roça. Apenas uma mulher, mãe da criança que vai ser apresentada na festa, um ritual onde uma criança fica responsável para ser a anfitriã (Hõxôn kaxuwa amjijara tek – criança que deve ser pintada com urucum o rosto feito uma cruz), é responsável pela retirada da palha do milho e em pintar a peteca com o urucum.

São feitas doze petecas seis para cada grupo. A brincadeira é iniciada por uma pessoa da família pertencente à anfitriã da festa, uma pessoa é escolhida para iniciar a brincadeira, adulto ou criança.

A brincadeira acontece entre dois grupos arara (Pàn) e gavião (hàk). O jogo é realizado em um círculo onde um participante de cada grupo recebe a peteca e começam a espalmar até que a mesma caia. Vence o grupo que mais tempo espalmar a peteca sem deixa-la cair, quando cai entra outro participante. Se por acaso um dos participantes permanecer por muito tempo sem deixar cair a peteca o mesmo poderá passar para outro participante do mesmo grupo.

Esta brincadeira acontece culturalmente uma vez por ano, no mês de janeiro e fevereiro - época da colheita do milho. Durante esta brincadeira os participantes não podem comer nenhum fruto do mato, nem mesmo os primeiros milhos verde pois ficam fracos para desenvolverem a brincadeira e ao mesmo tempo adoecerem.

Mata- Mata – Maipenkura

A figura 04 mostra a brincadeira do mata-mata que acontece durante a noite de lua cheia, só participavam casais, marido-mulher ou namorados. Nos dias de hoje essa brincadeira como as demais acontecem envolvendo todos da aldeia. Primeiramente as mulheres se escondem na mata e os homens as procuram quando um homem encontra sua mulher ele toca a cabeça da mesma com a mão.



Figura 04 - Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: brincadeira do mata-mata - 2013.

A mulher é colocada sobre os ombros do namorado, ele a carrega para o meio da aldeia, quando os homens acabam de apanhar todas as mulheres a brincadeira se inverte para as mulheres. Agora são elas que irão atrás dos homens.

Nesta brincadeira algumas mulheres arranham os homens isso indica que ela está com raiva dele (as mulheres não permitem que haja trocas de casais) e não permite que eles brinquem com outras mulheres na hora que elas forem caçar os mesmos. O homem arranhado terá que caçar e entregar alimentos para os parentes da mulher que a arranhou. A mãe de quem arranhou fará um *berarubu* para a mãe do arranhado, pagando a mãe por ter arranhado seu filho.

Corrida de Tora - Krowa Taihê

A figura 05 representa uma das mais importantes brincadeiras da comunidade *Parkatêjê*. Segundo relatos de Impoto Gavião que fala expressando preocupação em manter sua cultura viva, nesta brincadeira existem regras que para entendê-la é necessário conhecer um pouco da história do seu povo. A brincadeira é compreendida da seguinte forma: o corredor tem que buscar a tora que está escondida dentro da mata, local onde a tora foi preparada.



Figura 05 - Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: corrida de tora - 2013.

Existe o cortador de tora não é qualquer um que pode cortá-la, para encontrá-la pequenos galhos de “mato” – vegetais são cortados e lançados no caminho para orientar os corredores ao encontrar a tora. Antes de correr a tora os corredores de madrugada saem para o igarapé correndo. Tomam banho e voltam cantando até no meio da aldeia só então correm a tora.

O corredor trará de volta a tora para o centro da aldeia, esta corrida é revezada entre os participantes de metros em metros pelo fato da corrida ter

A disputa é sempre entre grupos arara e gavião. Assim como há as torcidas de times de futebol, os Parkatêjê também torcem por seus grupos pelos quais correm e disputam suas brincadeiras: pân- arara, hàkt- gavião, teré - lontra, tepe - peixe, xêxetêre – arraia. Vários são os grupos que disputam a tora, geralmente correm dois grupos, ou seja, duas toras. Esta corrida exige muita habilidade, técnica, força, preparo físico, interação com o grupo etc.

Este modo de vivenciar o corpo traz à reflexão o corpo em movimento. A exigência de corpo próprio em superar sua condição de sobrevivência na floresta, suas tarefas cotidianas quebradas pela forma do desafio de realizar uma tarefa, cujas atividades mentais são pouco exigida, mas que deve ser apurada pelo ato da execução aparentemente automática. O corpo para a ser o primeiro plano da ação, uma paixão de ser ele mesmo no mundo sem se perceber que ele é algo especial que completa os corpo social.



Brincadeira do Pula – Metoitoi

Esta brincadeira é muito curiosa pelo fato do ritual casamenteiro que ela traz. É formado um círculo de pessoas no meio da aldeia – jovens, velhos, solteiros e casados. Todos trazem uma embira amarrada em um dos pés, então o primeiro participante entra no círculo se for casado irá jogar um rolo de embira para sua mulher segura-lo, então ela entra no círculo e amarrará seu pé.

O pé amarrado com embira ficará suspenso tanto da mulher quanto do homem, a mulher escolhida correrá atrás de seu marido de um pé só até pega-lo, daí então encerra a brincadeira para essa dupla até que todos façam a mesmo. A corrida acontece somente dentro do círculo.

No caso de um índio ou uma índia solteira entrarem no círculo os mesmos deverão escolherem uma pessoa solteira ocorrendo da mesma forma citada acima. A diferença aqui é quando se pegar o outro deve-se bagunçar o cabelo da pessoa “pegada”, no final da brincadeira esses jovens cantam e dançam, vão para o igarapé e juntam suas embiras e amarram em uma árvore próxima ao igarapé daí começam a namorar.

Brincadeira da força ou empurra, empurra - Maipen Iahã



Figura 06 - Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: brincadeira da força ou empurra, empurra - 2013.



Nesta figura temos uma representação da força, que é uma brincadeira onde homens e mulheres casadas disputam suas forças. Acontece da seguinte maneira; coloca um “pau” tronco de madeira ficado no meio da aldeia. Duas mulheres agarram neste “pau” e entram dois homens para tentar roda às mulheres em um ângulo de 360°, se conseguirem é vencida a prova. Assim acontecem com os homens, as mulheres tentarão roda-los. Parece muito fácil mais é muito difícil rodar homens e mulheres num ângulo de 360 graus.

Brincadeira do Puxa – *Maipen Kukje*



Figura 7 - Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: brincadeira do puxa - 2013.

Nesta figura temos a brincadeira do puxa. Todos brincam, diferentemente daquelas que eram propriamente dos casais. Forma – se dois grupos, onde de um lado ficam as mulheres de todas as idades e do outro os homens também de todas as idades. Ambos os grupos ficam enfileirados lado a lado e entre os dois grupos uma linha divisória desenhada no chão.

A atividade tem início com um canto realizado por uma liderança (cacique ou um velho da comunidade). Após terminar o canto os dois grupos iniciam a brincadeira, onde um puxa o outro. Quem é puxado fica atrás do grupo que está puxando, ou seja, não volta mais. A brincadeira termina quando todos de um grupo são puxados pelo o outro.



Brincadeira do trisca - Aypemtot

A brincadeira do trisca não é muito diferente da brincada no mundo dos “brancos”, na comunidade Parakatêjê ela acontece somente na água (rios e igarapés).

É similar a nossa uma pessoa fica responsável para tocar os demais, todos têm que fugir através do mergulho, quem for triscado fica fora da brincadeira até que não reste nenhum participante. É uma brincadeira que culturalmente deve acontecer entre casais. Na escola ela pode ser modificada para ser desenvolvida fora da água ou não. Segundo os mais velhos da comunidade está brincadeira preparam homens e mulheres para serem rápidos dentro da água.

Corrida da varinha – Hakô Taihê.



Figura 8 - Fonte: arquivo da escola *Parakatêjê*: corrida da varinha - 2013.

A figura retrata a corrida de varinha que ocorre entre dois grupos. Em um círculo de aproximadamente 200 metros muito parecido com uma pista de atletismo os corredores dos grupos ficam numa distância entre 10 metros onde se revezaram durante mais ou menos 40 minutos. O grupo que permanecer na frente durante este tempo ganha a brincadeira. É uma espécie de corrida de revezamento a única diferença é que dura muito tempo. Exige muita resistência dos corredores.



Jogo de flecha – Mekruwa To Têk



Figura 9 - Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: jogo de flecha - 2013.

A flecha aqui representada através da figura é um jogo disputado entre grupos: arara, gavião, peixe, lontra e arraia. Demarca-se então o início, uma linha onde a partir dela todos jogarão suas flechas. Inicia sempre de dois em dois participantes, jogam tanto homens como mulheres, porém um gênero por vez. Depois que todas as duplas jogam, para-se o jogo e vão ver quem jogou a flecha mais longe. O que jogou mais longe fica com todas as flechas se houver empate dividem-se as flechas.

Além desta existe outra forma para se jogar. Enfia-se um tronco de bananeira no meio no acampamento. Numa distância de 20 metros a disputa ocorre através do acerto ao tronco. Quanto mais vezes acertar mais aumentam as chances de vencer. Esta brincadeira acaba definindo os grandes guerreiros de caça da comunidade. O curioso é que ao recolher as flechas todos reconhecem suas flechas (cada jogador reconhece a sua).

Subi no pau - Pàr Na Pi

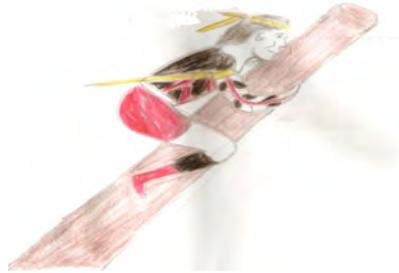


Figura 10 - Fonte: arquivo da escola *Parkatêjê*: brincadeira do subi no pau - 2013.

A figura mostra a brincadeira “subi no pau”. Esta atividade inicia com a tirada do tronco por dois grupos arara e gavião. É fncado então o tronco no meio da aldeia. Inicia a brincadeira com uma corrida até o tronco quem chegar primeiro ao tronco terá que subir sem deixar que o outro lhe toque. Essa brincadeira preparava o grande caçador a se proteger das caças ferozes. Em um momento que se precisasse correr de uma onça, manadas de porcos e outros.

Todas as práticas corporais aqui apresentadas mostram de uma forma bem sintetizada a importância que as mesmas tinham/tem para a permanência e organização social dos indivíduos Parkatêjê em seus territórios. Como afirma Merleau-Ponty (1999, P. 228), a existência corporal que crepita através de mim sem minha cumplicidade é apenas o esboço de uma verdadeira presença no mundo. As práticas corporais preparam e educam esses índios a sobreviverem e a perpetuarem seus conhecimentos através das gerações posteriores, elas possuem significados ímpares, pertencente a um grupo étnico que tem nessas práticas a possibilidade de continuidade de manterem vivas suas memórias e saberes.

Cada prática traz um saber específico para o povo Parkatêjê seja a que grupo pertence (arara, gavião, lontra, peixe, arraia), com quem não devo falar em hipótese alguma, a que grupo pertenço na corrida de tora, porque pertenço a um determinado grupo, quando me torno adulto, como me tornar um grande guerreiro ou grande caçador, conhecer as ervas medicinais, construção de artefatos e artesanatos, aprender a pintura corporal e seus significados e etc.

Percebe-se que nas práticas corporais Parkatêjê há uma diversidade de conhecimentos muito grande que traduzem a verdadeira identidade dos Parkatêjê e que somente no desenvolvimento dessas práticas corporais podemos conhecê-las e compreendê-las, pois são



expressões dentro do acontecimento dessas práticas. Muitas delas não são faladas e sim percebidas, visto que o corpo fala e é por meio da expressão corporal, do gesto que o corpo do indígena pode falar. Assim como, cada momento de brincar, de jogar e realizar atividades culturais constroem-se mensagens aos outros corpos da aldeia, que vibram, que dançam, que gesticulam e que cantam. É assim que tudo isso participa do corpo escolar e vira consciência da educação corporal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilita entender a prática corporal indígena na educação escolar da aldeia Parkatêjê, pois possui significação apropriada quando se articula à corporeidade dessa comunidade. Ela pode ser sistematizada dentro de um contexto que respeite e atenda os interesses da educação indígena. Na atual escola discutem-se caminhos que possam dar maior importância às práticas pedagógicas voltadas à educação corporal, uma vez que, ela deve ser pensada e construída com base nos anseios e necessidades da comunidade indígena.

As garantias de direitos indígenas têm sido alvo de mudanças nos últimos anos, e a ideia de que uma escola indígena tem potencialidade de viver essa corporeidade no âmbito comunitário, intercultural, bilíngue, específica e diferenciada, é resultante dessa inserção aplicada à corporeidade dos índios. Tal participação da comunidade nessa construção é de extrema importância, mediante o processo pedagógico a ser encampado pela escola, como: definição dos objetivos, dos conteúdos curriculares, do calendário escolar, da pedagogia, dos espaços e momentos da educação escolar.

Discutir as práticas corporais da comunidade indígena Parkatêjê, mostra uma, de várias possibilidades que podem ser levadas à escola. Estas devem ser discutidas quanto conhecimentos e levadas aos alunos como forma de aprendizado e construção cultural, cujo objetivo, é a valorização daquilo que é próprio da comunidade Parakatêjê.

Esclarece-se que, é imprescindível a importância de se valorizar dentro da escola indígena, não apenas os conhecimentos convencionais, mas todos os outros aspectos inerentes e próprios da comunidade - os tradicionais. A Escola deve ser um espaço de inserção de conteúdos próprios da comunidade, valorizando os saberes que estão mais próximos dos



educandos. Com efeito, os estudos sobre as treze atividades corporais, como proposta educativa, traz à tona o interesse e desperta o ânimo em praticá-las.

Contribui ainda, para uma discussão mais ampla, que contempla os objetivos propostos no Referencial Curricular das Escolas Indígenas - RCNE/I (BRASIL, 1998). É sem dúvida, um modo de ampliação crítica do documento, posto que ao se verificar a atividade física cultural indígena como parte de uma disciplina, entende-se que, por vezes, alguns professores a tornam algo impossível, pois é mais fácil aplicar conteúdos prontos e globalizados do que incorporar saberes próprios de uma sociedade.

O que remete à análise das práticas corporais, é que, as mesmas possuem uma quantidade muito relevante de saberes tradicionais que precisam ser estimulados de forma a contribuir com a memória histórica da comunidade, além do que, isso diz respeito à socialização, interação, educação e bem estar. Todas as atividades corporais apresentadas neste trabalho possuem um jeito particular e com características culturais que demonstram valores, direitos, deveres, regras, normas, resistência física, sobrevivência, namoro, casamento, passagem da fase de criança para a adulta e outros. As práticas corporais dos Parkatêjê vão muito além de simples representatividades festivas, ela compactua com uma série de valores e rituais que promovem resistência à permanência da estrutura cultural deste povo.

Portanto, é coerente pensar que, enquanto não se olhar para a educação indígena como uma educação bilíngue, diferenciada e específica, não se terá educação indígena contextualizada ao grupo que se destina. Ocorrerá, somente, reprodução da educação “branca” no meio de “índios”, desconsiderando uma diversidade cultural própria desses povos (práticas corporais, brincadeiras, festas, rituais religiosos, histórias, dança, música, artesanato, língua, a matemática, marcadores de tempo e etc.).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. *Parkatêjê X Português: Caminhos de Resistência*. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA "BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION" (www.brasa.org), 27 a 29 de março de 2008, no campus da Tulane University em New Orleans, Louisiana, Estados Unidos.



http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_IX/Leopoldina-Araujo.pdf. Acesso em 20 de nov. de 2016.

BELTRÃO, Jane Felipe. Povos indígenas na Amazonas p. 31 – **Coleções Estudos Amazônicos**, Belém – 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção primeiros passos; P. 07 - 60.ⁱ

BRASIL, 1998. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF: Brasília, 1998.

FERRAZ, Iara. **Os índios Gaviões: observações sobre uma situação crítica**. Iara Ferraz. [S.l.]: [s.n.], 1982.

KRÔHÔKREHUM, Toprãmre Jõpaipaire. **MÊ YKWYTEKJÊ RI: Isto Pertence ao Meu Povo**. 1ª ed. – Marabá, PA: GKNORONHA, 2011.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. /Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional: Brasília, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. (Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIMUENDAJÚ, C. **Textos indigenistas**. São Paulo: Loyola, 1982.

TERRAS INDÍGENAS. <[Http://www.censo2014.ibge.gov.br/terrasindigenas](http://www.censo2014.ibge.gov.br/terrasindigenas)> Acesso em: 12 maio. 2017.

Recebido em 15 de dezembro de 2016

Aprovado em 19 de maio de 2017

ⁱ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção primeiros passos; 20. P. 23.

ⁱⁱ C.f. <http://www.censo2014.ibge.gov.br/terrasindigenas>

ⁱⁱⁱ Os *Parkatêjê* se organizam a partir de cinco grupos; *pàn-* arara, *hàkt-* gavião, *teré* - lontra, *tepe* - peixe, *xexetere* – arraia. Uma forma social de se organizarem. Ver mais em: *MÊ YKWYTEKJÊ RI: Isto Pertence ao Meu Povo/Toprãmre Krôhókrenhum Jõpaipaire-* 1ª ed. – Marabá, PA: GKNORONHA, 2011.

^{iv} “*Moquear*” é o processo de secar, retirar completamente a água da carne para que possa se conservar por mais tempo. BELTRÃO, Jane Felipe. Povos indígenas na Amazonas p.31 – *Coleções Estudos Amazônicos*, Belém - 2012.

^v *Kuputi*, comida típica dos *Parkatêjê*, tipo de um bolo feito da massa da macaxeira ralada com carne de caça dentro enrolada com a folha da banana do mato, colocado em cima de pedras em brasa e coberto por terra para ser cozinhado por um período de aproximadamente nove horas. Ver mais em: *MÊ YKWYTEKJÊ RI: Isto Pertence ao Meu Povo/Toprãmre Krôhókrenhum Jõpaipaire-* 1ª ed. – Marabá, PA: GKNORONHA, 2011.